

PRODÍGIO INDIANO

Quando disse a um amigo, hábil jogador de xadrez, que havia ganho cinquenta por cento das partidas que disputei, ele fez questão de abraçar-me e parabenizar-me. Porém, quando complementei esclarecendo que só havia disputado duas partidas na minha vida e depois desistido, a primeira em que perdi por rápido “xeque mate”, mas que sem dúvida valeu-me para aprender a movimentação das peças, e a segunda, quando meditei bastante antes de movê-las, estudando com muita atenção as consequências de cada movimento, enquanto o meu adversário jogava com nítida displicência, achando que logo venceria a partida, aconteceu que fui eu quem lhe deu “xeque mate”, esse amigo a que me referi a princípio, sorriu e disse, “sendo assim, apesar de você não ter se tornado enxadrista, mantenho os parabéns”. Prossegui explicando-lhe o que acontecera em seguida, ou seja, que não pudemos naquela noite jogar a “negra”, na qual por certo seria vencido, uma vez que já era tarde e eu tinha que trabalhar no dia seguinte. Mas, admito, o empate teve um inequívoco gostinho de vitória para mim.

Lembrei-me desse episódio de minha vida ao ler, em meu jornal diário, a interessante notícia de que, na Índia, uma criança de pouco mais de três anos joga xadrez qual se essa modalidade esportiva lhe fosse muito familiar, sem que ninguém lhe tivesse ensinado formalmente as aberturas e estratégias do jogo. Sarwagia Sing Kushwaha já derrotou ao menos um compatriota de nível elevado nesse esporte, o que lhe valeu obter classificação oficial na Federação Internacional de Xadrez (FIDE). Convenhamos, amigos leitores e amigas leitoras, esse fenômeno não é de

forma alguma comum e corriqueiro, não obstante já existam outros casos relatados de crianças prodígio. Ou seja, criança de pouca idade como esse indiano, que não deve estar senão no pré-primário, praticar esporte tão difícil e complexo sem ter experiência alguma nesse jogo. As explicações que psicólogos e alguns cientistas da área dão ao fenômeno, não são nem um pouco razoáveis. Eu, pelo menos, não estou convencido do acerto de nenhuma delas. A não ser que estudos mais aprofundados façam com que eu mude de ideia, a explicação mais lógica e racional para o fenômeno está na reencarnação. Essa criança prodígio seria a reencarnação do espírito de enxadrista já falecido, ainda mais que o Kardecismo explica que essas manifestações incomuns acontecem com crianças de pouca idade, que ainda não têm o psiquismo desenvolvido a ponto de bloqueá-las como insólitas.

Não se escandalizem, caros amigos católicos, com tais ideias. Segundo me consta, o próprio Catolicismo admitia a reencarnação até a época do Concílio de Trento, enquanto que os textos bíblicos, muito embora não a proclamem claramente, mostram significativos indícios de que era admitida.

Não ignoro que o tema é assaz controverso, havendo muitos argumentos contra a reencarnação. Embora respeite todos eles, minha formação intelectual não aceita nada que fuja à lógica e não seja racional, como são aquelas inconvenientes explicações para os múltiplos casos de crianças de tenra idade, dotadas de habilidades que apenas alguns adultos adquirem com muito estudo e dedicação, sem falar em que algumas delas dependem de vocação específica que nem sempre essas crianças parecem ter.

Quando conversei com Erasmo a respeito desse candente assunto, ele fez questão de acrescentar: “Não é somente a reencarnação. Existe também o perispírito, que é semimaterial, embora também invisível como o espírito, e onde ficam gravadas nossas ações conscientes para o bem ou para o mal, que posteriormente refletem-se na reencarnação e explicam, só para citar um exemplo, a razão pela qual algumas crianças nascem com pesados aleijões ou deficiências que carregam por toda a vida. Aos poucos a humanidade vai conhecendo as leis espirituais. As materiais, harmonicamente conectadas e coordenadas com aquelas, e que também foram feitas pelo Criador, a ciência dos homens vai se encarregando de torná-las conhecidas”.

Que bom seria se todos estivessem convictos dessas ideias, que ao meu ver são verdades muito sensatas. Imagino que pensariam duas vezes antes de fazer mal aos semelhantes ou hostilizar de qualquer forma a obra da criação. Vocês não acham?

Viganó

darly.vigano@gmail.com